



O “EU ENUNCIADOR” REPRESENTADO POR SOLANO TRINDADE COMO UM DIVISOR DE ÁGUAS NO PROCESSO DE CONSCIENTIZAÇÃO DE SER NEGRO NO BRASIL.

Frederico José Matias ¹

RESUMO

Propõe-se a analisar neste artigo, com base nos constituintes geradores da escrita de uma literatura que se quer negra, como as características próprias do texto escrito pelo negro Solano Trindade na obra “*O poeta do povo*” e especificamente no poema “*Sou negro*” revelam a existência de uma literatura que (re) afirma sua negritude, ainda no contexto de 1900, partindo de fatores históricos, linguísticos e psicológicos. Dentre esses constituintes, faz-se aqui uma análise mais vertical sobre o eu enunciador que se quer negro como um recurso que confirma a poesia do autor como um divisor na história da literatura no Brasil em literatura sobre o negro e literatura do negro. Ainda se faz necessária a elucidação acerca da história literária e das produções de negros em determinados períodos e esse artigo, além de um viés literário-acadêmico, serve à sociedade na perspectiva da reabilitação e fortalecimento, a partir da análise do texto literário, dos valores da história, da memória e da existência negra.

Palavras-chave: literatura negra, Solano Trindade, negritude, elucidação, memória.

INTRODUÇÃO

A partir de uma análise cuidadosa da historiografia geral da humanidade pode-se ver a figura do negro sendo marginalizada, no que diz respeito ao seu lugar na sociedade em que os fatos acontecem e do seu lugar na história contada. A África começou a ser explorada pelos europeus no século XV quando já possuía um sistema social e político muito bem estruturado. Esse processo de exploração sofisticado se estabeleceu na África e alcançou, dentre outras partes do mundo, o Brasil. Marginalização é um termo que representa de maneira coerente muitos posicionamentos em vários contextos que

¹ Graduado do Curso de Letras - português da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, fredericomatias@outlook.com.



são direcionados à pessoa de pele negra de fases passadas e dos dias atuais. Este processo complexo de marginalização constitui-se perpassando áreas como política, sociedade, religião e cultura, sendo válido para este estudo principalmente o que se refere à língua e literatura. A problemática do negro na história ligada à literatura é discutida pela escritora Zilá Bernd em seu livro “Introdução à literatura negra”, onde está contida a seguinte afirmação:

Com relação à historiografia literária pode-se adotar a mesma postura: ler a história literária não como uma totalidade fechada, mas como possibilidade. Percebê-la permanentemente inacabada deverá permitir que autores ou movimentos possam transitar da esfera da sombra para a esfera da consagração (BERND, 1988, p. 16).

Esta afirmativa de Zilá Bernd deixa claro o quanto o processo de marginalização é prejudicial para uma história da literatura que deseja ser mais justa e menos totalitária. Se a história é considerada encerrada nos processos literários europeus ela nunca permitirá a ascensão das camadas populares. Este processo de totalitarismo histórico literário foi produzido e reproduzido durante muito tempo e não trouxe resultados positivos para a construção da história literária sob a perspectiva do negro. A formação da história da literatura analisada apenas sob uma perspectiva, tendo uma única “razão” como correta e relevante, excluindo outros tipos de movimentos e manifestações, nunca foi ou será o modelo igualitário da história literária. Este modelo histórico atrasou a passagem de grandes artistas negros da sombra para a consagração, da margem para o prestígio.

Atualmente existem muitos teóricos que defendem a não existência de uma literatura que deve ser diferenciada ou considerada pela etnia do indivíduo que a escreveu, assim como existem outros teóricos que afirmam que os textos produzidos por negros, independentemente do período de produção, devem ser considerados como literatura de caráter negro. Neste artigo, me proponho a analisar um dos constituintes geradores do processo da escrita de uma literatura que se quer negra e apresentar como as características próprias de textos escritos por negros revelam a existência de uma literatura que reafirma sua ancestralidade, multilinguismo, seu estilo e principalmente seu “eu” de vários modos, inserido no contexto do ano de 1900. Isso será possível a partir da análise de um dos poemas produzidos pelo poeta negro Solano Trintade que se



encontra em seu livro póstumo intitulado “O poeta do povo” na tentativa de (re) afirmar o fato de esse texto poder ser revelado como literatura negra de acordo com o que era possível ser feito nesse período e a variedade de contribuições que as produções negras podem dar para uma história da literatura mais completa e menos preconceituosa.

METODOLOGIA

Foi realizada a análise bibliográfica de autores que abordam a temática da literatura negra e seus aspectos geradores no contexto do ano de 1900 em paralelo com outros autores e acadêmicos que estão envolvidos em estudos sobre o processo histórico-literário do negro no Brasil. A análise do poema “*Sou negro*” de Solano Trindade que está presente no livro póstumo intitulado “*O poeta do povo*” será fundamentada e possível a partir dessa análise bibliográfica sob o ponto de vista da sociedade, memória e história. Segue-se o método dedutivo baseado também na descrição e explicação.

REFERENCIAL TEÓRICO

O professor Eduardo de Assis Duarte revela algo muito pertinente sobre o que busca a literatura negra, comprovando que o principal objetivo dos estudiosos que têm se dedicado a pesquisar o aspecto da literatura negro-brasileira ou negro-americana não é colocar estas produções em um patamar que se encontra acima das outras literaturas.

A revisitação do passado como senha para a busca daqueles recônditos ocultos nos discursos estabelecidos; esforço de compreensão da dinâmica histórica desde os começos até as heranças vivas no presente, em sua concretude material, social e, também, subjetiva; olhar indagador sobre aquele continente emudecido pelo tempo em busca de seus porquês, na pista dos porquês de agora. Encarada desta forma, a mirada rumo ao ontem da história pretende entendê-lo como antevéspera do hoje e não como monumento petrificado. O que para muitos é página virada, ainda não passou para os que almejam traçar roteiros de frente para trás, suplementares e alternativos à estrada real da verdade instituída. Roteiros estes traduzidos em formas distintas de literatura (DUARTE, 2018).



A sábia afirmação feita anteriormente nos traz a ideia de que um estudo honesto da literatura negra aponta para a busca incansável de uma história que não foi contada e de um “eu” que não foi revelado. Se esse “eu” foi alguma vez exibido, não foi dono de sua identidade, então, essas afirmações também são algumas razões para que não viemos a página, pois a história negra que é revelada através da literatura, ainda não foi contada de maneira coerente pelos donos da sua própria história. O momento é de continuar a (re) escrever páginas para corrigir e relevar um percurso rico e complexo da pessoa afro, preta, negra que vai da antiguidade até a contemporaneidade e está expresso nas artes.

Já disse o próprio Solano que “não faremos lutas de raças, porém ensinaremos aos irmãos negros que não há raça superior, nem inferior, e o que faz distinguir uns dos outros é o desenvolvimento cultural. São anseios legítimos a que ninguém de boa fé poderá recusar cooperação.” (Apud FARIA, in: TRINDADE, 1981, p. 15).

O Conceito de literatura negra é muito abrangente, pois existe uma literatura negra sendo produzida em muitas partes do mundo e de acordo com características específicas dessa literatura em países diversos são gerados adaptações ao conceito formador. Ao refletir sobre a literatura denominada Afro-brasileira estamos andando sobre um caminho muito sinuoso e complexo, pois não podemos ainda nos referir a um conceito devidamente discutido e problematizado, tendo em vista que como pesquisadores não chegamos a um consenso do que seja, de maneira concreta, essa literatura a partir de questões como: autoria, temática, linguagem, público e ponto de vista. Quando falamos de literatura afro-brasileira uma literatura que se apresenta de modo distinto da africana, da norte-americana, da caribenha e da francesa. Ainda que sejam encontradas semelhanças, se trata de um país com uma representatividade dos negros que expressa outras vivências.

Essa discussão chega a ser exaustiva e pode desembocar no campo das preferências particularizadas, no sentido de que o conceito de negritude é muito variante em nosso país, chegando a ser por vezes validado pela autodeclaração entre ser ou não ser negro. Outra dificuldade com que nos deparamos é o fato de grande parte das produções iniciais brasileiras não terem uma militância expressa, respeitando, claro, a situação de produção, pois, a Europa teve influência em praticamente todas as épocas, escolas ou movimentos literários experienciados no Brasil. Essa influência fugia do



domínio da inspiração passando a ser agente silenciador de outras produções possíveis. Sobre esse aspecto deve-se levar em consideração o fato de países europeus tomarem a posição de dominadores como foi o caso de Portugal e de países americanos receberem a posição de dominados como é o caso do Brasil. Esse poderio não se resume apenas à dominação da extensão geográfica, ao mercado, relações de trabalho ou mistura de etnias, ele se estende também ao domínio literário, sendo a palavra de ordem aquilo que “os nossos donos” dizem que deve ser e como deve ser escrito. Mas para nossa tranquilidade, existiu uma literatura produzida por negros no Brasil e essa é uma razão suficiente para tentar desenvolver um conceito sobre o que os negros produziram em nossas terras. Como foi citado inicialmente neste estudo, cada lugar vive uma experiência distinta com relação à literatura, um exemplo disso é o movimento romântico que se inicia na Alemanha e ganha outros rostos ao se espalhar pelo mundo proporcionando experiências de romantismos. No Brasil a literatura afro não se deu como nos outros países, principalmente aos ligados ao Renascimento negro. Sobre isso Maria Nazareth vai propor:

Com relação à poesia negra no Brasil, penso que vale a pena considerar algumas questões que surgem particularmente a partir de alguns momentos bastante significativos. Não se pode afirmar haverem existido, no país, movimentos literários que, a exemplo do Renascimento Negro Norte-americano ou da Negritude, se empenharam em produzir uma literatura de forte conteúdo reivindicativo, buscando valorizar outros princípios estéticos, antes do surgimento dos Cadernos Negros, em 1978, e da reflexão teórica encaminhada por seus criadores. Mas o fato é que muitos escritores, antes mesmo da extinção do tráfico negreiro, no século XIX, produziram textos em que é abordada a questão negra (FONSECA, 2018).

Com essa proposta não queremos dizer que não houve literatura negra aqui, ou que foi uma literatura negra menor ou menos expressiva. Queremos conduzir ao discurso de que as literaturas produzidas por negros no Brasil foram até onde o seu contexto inicial permitia. Quando colocamos em questão esta dúvida enquanto ter havido ou não a literatura afro-brasileira podemos recorrer ao professor Eduardo de Assis Duarte que diz:

Enquanto muitos ainda indagam se a literatura afro-brasileira realmente existe, a cada dia a pesquisa nos aponta para o vigor dessa escrita: ela tanto é contemporânea, quanto se estende a Domingos Caldas Barbosa, em pleno século XVIII;



tanto é realizada nos grandes centros, com dezenas de poetas e ficcionistas, quanto se espalha pelas literaturas regionais (DUARTE, 2011).

O conceito de literatura afro-brasileira está ligado ao de literatura negra. Para entendermos essa questão, vejamos o conceito proposto por Luiza Lobo em 2007:

A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro. (LOBO, 2007, p. 266)

Esse conceito inicial não nos traz tantas polêmicas pois neste momento é inegável que uma literatura para ser considerada negra tem o pré-requisito de ter sido escrita por um indivíduo negro. Mas diante da grande miscigenação ocorrente no Brasil esse conceito, quando ligado ao conceito de afro brasilidade, está sobre a corda bamba, despertando apoio daqueles que acreditam numa literatura negra apenas escrita por negros e, ao mesmo tempo discordância dos que são miscigenados, mas desejam escrever uma literatura negra e, por fim, gera uma separação conceitual que parece natural, mas que gera polos ideológicos que serão importantíssimos para a classificação, pois desperta afirmações como a que segue:

À luz dessas observações, será negra, em sentido restrito, uma literatura feita por negros ou descendentes assumidos de negros, e, como tal, reveladora de visões de mundo, de ideologias e de modos de realização que, por força de condições atávicas, sociais e históricas, se caracteriza por uma certa especificidade, ligada a um intuito claro de singularização cultural. Lato sensu, será a arte literária feita por quem quer que seja, desde que reveladora de dimensões peculiares aos negros ou aos descendentes de negros (PROENÇA, 1988, p. 78, grifos do autor).

Nesse momento se dá um grande desdobramento, pois existe aqui a proposta de que a temática prevalece sobre os outros aspectos. Entendendo isso, voltamos ao que Zilá Bernd propõe quando fala da diferença entre uma literatura feita sobre o negro de modo estereotipado (distanciado) e uma literatura onde o negro admite sua identidade e se auto anuncia (compromissado) como negro, se confundindo por vezes com o eu lírico. Faz-se necessário dizer que a dualidade exposta anteriormente dificulta a construção de um conceito sobre a literatura negra no Brasil. Toda discussão anterior não exclui o fato de existirem estudiosos que acreditam que a literatura negra produzida



no Brasil deve ter como principal requisito ter uma pessoa negra como sujeito da enunciação, como é o caso de Luiza Lobo que discorre:

Poderíamos definir literatura afro-brasileira como a produção literária de afrodescendentes que se assumem ideologicamente como tal, utilizando um sujeito de enunciação próprio. Portanto, ela se distinguiria, de imediato, da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto objeto, seja enquanto tema ou personagem estereotipado (folclore, exotismo, regionalismo) (LOBO: 2007, p. 315).

Por mais que eu tenha um posicionamento, não quero cometer o erro de excluir manifestações honestas que de alguma maneira resgatem a identidade negra. Sendo de comum acordo ou não, um conceito inacabado foi construído por Eduardo de Assis, me parecendo equilibrado e, na medida justo, sendo exposto a seguir:

A partir, portanto, da interação dinâmica desses cinco grandes fatores – temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público – podese constatar a existência da literatura afro-brasileira em sua plenitude. Tais componentes atuam como constantes discursivas presentes em textos de épocas distintas. Logo, emergem ao patamar de critérios diferenciadores e de pressupostos teórico-críticos a embasar e operacionalizar a leitura dessa produção. Impõe-se destacar, todavia, que nenhum desses elementos propicia o pertencimento à literatura afro-brasileira, mas sim o resultado de sua interrelação. Isoladamente, tanto o tema, como a linguagem e, mesmo, a autoria, o ponto de vista, e até o direcionamento recepional são insuficientes (DUARTE, 2011).'

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O autor a ser analisado, como já foi referido, chama-se Solano Trindade. Negro, filho de Manoel Abílio que era sapateiro por profissão e de Emerenciana que era doméstica. A herança do escritor é resultado da miscigenação no Brasil, tendo a mistura em sua raça de negros, brancos e índios. Nasceu em Recife- PE no dia 24 de julho de 1908 e viveu seus primeiros dias no bairro de São José. Contrário ao Nazismo, ao Facismo, a noção de raça superior e ao cientificismo provenientes da Europa que instiga o racismo no Brasil, Francisco solano trintade participou de movimentos de (re)afirmação da cultura, ancestralidade e representatividade negra em Pernambuco e no Brasil, inclusive participa do Primeiro Congresso Afro-Brasileiro realizado por Gilberto Freyre e do Segundo congresso sobre o mesmo tema realizado em Salvador. Esse autor



participa de uma considerável mudança no processo de construção da imagem do negro na Literatura brasileira.

Este ponto do artigo contém a proposta do “eu enunciador” que foi muito cara na busca por um conceito de literatura negra e funcionou como um divisor de águas na literatura no Brasil. O tema da assunção étnica envolve a principal característica dessa literatura. Durante muito tempo houve uma literatura sobre o negro no nosso país, mas ainda estávamos um pouco longe de representar o negro de maneira coerente e mais completa.

[...]Observamos que o tema do negro sempre esteve presente na literatura Brasileira, embora quase sempre de forma estereotipada. Se essa temática pode remontar ao período colonial, com Gregório de Matos, passando pelo romantismo, com Castro Alves, e chegando aos dias de hoje, com Jorge Amado e muitos outros, que fator será determinante da fissura a partir da qual se pode falar em literatura negra e não mais apenas em temática do negro e da escravidão? (BERND, 1988, p. 48)

A fissura citada anteriormente tem a ver com o aparecimento de um negro que não é apenas personagem citado. A partir desse momento o negro procura ser o dono da enunciação, sendo chamado em termos técnicos de sujeito-de-enunciação. A autora ainda acrescenta afirmando ser esse sujeito um aliado ao “processo de conscientização de ser negro entre brancos.” Uma outra discussão muito pertinente é se existe ou não uma relação direta entre esse sujeito-de-enunciação e o eu lírico. Sobre esse tema é válido expor a citação feita por Zilá Bernd da escritora Kate Hamburger.

Não existe um critério exato, nem lógico, nem estético, nem interior, nem exterior, que nos permita a identificação ou não do sujeito-de-enunciação lírico com o eu do poeta. Entretanto, o sujeito-de-enunciação é sempre idêntico ao autor de um documento real, logo o sujeito-de-enunciação lírico deve ser idêntico ao poeta, enquanto tal (não enquanto indivíduo do mundo real) (BERND, 1988, p. 49).

De acordo com as palavras da autora não podemos garantir em qual momento falará o eu lírico ou o enunciador que se quer negro. Esse aspecto de assunção étnica pode ser analisado na obra de Solano Trindade. Vejamos o trecho que segue do poema



“Sou negro” que já pelo título revela suas intenções e dentre essas a representação de um “eu”:

Sou Negro
meus avós foram queimados
pelo sol da África
minh'alma recebeu o batismo dos tambores
atabaques, gonguês e agogôs
(*O poeta do povo, 1961, p.48*)

Neste trecho percebemos que o eu enunciador decidiu intencionalmente representar-se como negro. Aqui Não se trata de uma literatura sobre o negro, mas uma literatura de negro sobre como ele se vê. Essa intencionalidade é crucial para a legitimação da literatura negra no Brasil, como claramente escreveu Zilá afirmando que “o sujeito-de-enunciação, o eu lírico ou o eu enunciador pode ser interpretado como um elemento portador de uma intencionalidade nova no âmbito da literatura brasileira” (1988, p. 50).

Vejamos outro trecho do poema em questão para seguir com as discussões sobre o valor do “eu” no processo de construção da literatura afro-brasileira:

Na minh'alma ficou
o samba
o batuque
o bamboleio
e o desejo de libertação.
(*O poeta do povo, 1961, p.48*)

Quando um negro escreve determinada obra o eu enunciador intencional também revela o esforço para resgatar a identidade de um eu coletivo que é igual a nós. Sobre esse aspecto, analisar os pronomes pessoais nunca foi tão importante e gerador de significados. Este fenômeno acontece em muitos poemas de Solano Trindade quando ao usar um eu enunciador ele busca deixar representado em sua poesia um nós. Quando ao final do poema o autor fala de desejo de libertação não está se referindo exclusivamente ao seu desejo, mas ao desejo coletivo. Veja o poema na íntegra no anexo 1.

Além do aspecto do eu enunciador que se quer negro existem outros aspectos como, musicalidade, símbolos, ancestralidade, linguagem que dão uma carga reivindicativa negra a obra de Solano Trindade. Infelizmente, para o gênero em questão e o tempo proposto não poderei abordar de maneira mais profunda.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os primórdios da construção da identidade étnica brasileira existem confusões ideológicas acerca do valor que cada etnia (branco, preto, índio) tem na construção do nosso país. Por questões políticas e sociais a pessoa do negro e do índio sofreu desvantagem, não porque deveriam ser considerados superiores à classe branca, mas porque não tiveram, até certo tempo, oportunidades de serem protagonistas da sua própria história. Se tratando mais especificamente do negro e de questões ligadas à literatura, sabemos que não foi diferente, pois as expressões artísticas negras foram subordinadas a um relato injusto e elitista. A partir da criação de muitos movimentos que defendiam que o negro poderia criar sua própria história, seja literária ou não, e com estudos na área de identidade étnica literária, principalmente nos Estados Unidos e na França, a literatura negra começa a ganhar espaço na literatura brasileira.

Ao analisar a construção da literatura pernambucana e negra de Solano Trindade percebo o imenso valor que esse autor tem para o reconhecimento do negro sem cortinas, sem ser apenas citado, mas o reconhecimento de um negro que se expõe intencionalmente para revelar a sua identidade e logo a de outros. Também, é inegável o valor referencial que o negro passar a ter na literatura Brasileira.

REFERÊNCIAS

FARIA, Álvaro Alves de. A poesia simples como a vida. In: TRINDADE, Solano. Cantares ao meu povo. São Paulo: **Editora Brasiliense**, 1981.

BERND, Zilé. Introdução à literatura negra. São Paulo: **Brasiliense**, 1988.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. 2011. Disponível em <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teoricoconceituais/148eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>> Acesso em 27 ago. 2020.

DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.). Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica. 2.ed. Belo Horizonte: **Editora UFMG**; Brasília: SEPPIR, 2014, vol. 4, História, teoria, polêmica.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra: os sentidos e as ramificações . 2014. Disponível em <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos->



teoricoconceituais/159maria-nazareth-soares-fonseca-literatura-negra-os-sentidos-e-asramificacoes> Acesso em 20 ago. 2020.

LOBO, Luiza. Crítica sem juízo. 2 ed. revista. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. FILHO, Domício Proença. A trajetória do negro na literatura brasileira. 1997.

RENNÓ, Adriana de Campos. Além da viola: Caldas Barbosa e o cânon poético neoclássico. Rio de Janeiro, 2004.

O poeta do povo. (Org. Raquel Trindade). São Paulo: Cantos e **Prantos Editora**, 1999.

ANEXOS

Anexo 1

Sou negro

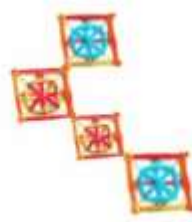
A Dione Silva

Sou Negro
meus avós foram queimados
pelo sol da África
minh'alma recebeu o batismo dos tambores
atabaques, gonguês e agogôs

Contaram-me que meus avós
vieram de Loanda
como mercadoria de baixo preço
plantaram cana pro senhor do engenho novo
e fundaram o primeiro Maracatu.

Depois meu avô brigou
como um danado nas terras de Zumbi
Era valente como quê
Na capoeira ou na faca
escreveu não leu
o pau comeu
Não foi um pai João
humilde e manso.

Mesmo vovó
não foi de brincadeira



Na guerra dos Malês
ela se destacou.

Na minh'alma ficou
o samba
o batuque
o bamboleio
e o desejo de libertação.

(O poeta do povo, 1961, p.48)